



Os Jornal da Educação, de março e abril de 1980 trazem uma longa entrevista feita por Afonso Praça a JMG, Ana Benavente, Madeira Luis, Orlando Garcia e Lucília Salgado.

*“De facto, há um largo movimento de projetos e de ações de educação popular de base depois do 25 de abril que formam, de certo modo, um movimento social de educação permanente; não se restringem a uma categoria particular com certas habilitações, não se fecham entre as quatro paredes de uma escola, mas aparecem como formas alargadas de vida social em movimento, apropriando-se de novo espaços e, por isso mesmo, educativas. Tinham encontrado a força social (que não era mais do que a sua vitalidade e criatividade) para levar ao aparelho de Estado a ideia de uma outra maneira dos serviços públicos trabalharem ligados às pessoas, de serem educativos, de abandonarem, inclusivamente, a linguagem dos formulários, e de adquirirem a linguagem das pessoas que a eles se dirigem.”*

*“O movimento de cultura popular, para se desenvolver, apela para indivíduos colocados em posições de ligar e relacionar diferentes áreas culturais e de desenvolver meios de expressão alargados”*

*“Nos trabalhos de terreno que fizemos no âmbito dos estudos preparatórios para o PNAEBA, um dos pontos que nos apareceu com bastante força, foi o de que, ultrapassado aquele horizonte limitado das motivações “reconhecidas”: “estamos aqui a aprender a ler e a escrever para tirar o diploma da 4ª classe, etc.” – isto é, aprofundado o quadro das motivações reais de carácter cultural que estão na base do entusiasmo e da participação em ações de educação populares verificou que essas motivações apontavam para domínios de grande riqueza social e podiam constituir polos de transformação social muito importantes. (...) Muitas pessoas dirigem-se às instituições que conhecem dizendo “nós na terra, quisemos construir um pequeno museu, começamos a fazer uma recolha de instrumentos musicais locais, e simultaneamente fizemos uma escola de música para os miúdos”. Também houve um grupo de Arqueologia que se formou, há muita gente dinamizada para isso: “Podem dizer-nos o que devemos fazer?”. Duma maneira geral este pedido é entendido pelos serviços apenas como justificação de uma solicitação financeira, de um subsídio que será eventualmente concedido à associação. Realmente o pedido não era esse, mas a riqueza cultural da solicitação é assim, efetivamente, desencorajada. (...).*

Há dias, andava eu às voltas com os textos do Zé Mariano Gago e aconteceu que tive a sorte de viver e partilhar uma atividade onde senti o que era Educação Permanente e me serviu de modelo ao que queremos que seja “qualificar” no nosso país. Responder ao que as pessoas querem e gostam, e precisam saber para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional.

Estas ciganas trabalham há 5 anos com a ALEM – Associação de Literatura, Literacia e Mediação. Inserido em várias atividades, foi conseguido um financiamento do IEFP para um curso de Formação Profissional na área dos bordados, mas a responsável pelo Projeto minha amiga destas lides há muitos anos, Conceição Rolo (e a sua equipa), vão enriquecendo a atividade com envolvimento cultural noutros domínios afins.

(LS)



São as imagens que a Margarida recolheu, para enviar ao IEFP que tutela a ação de formação. Uma reportagem de circulação restrita, pois muitas das senhoras não gostam de ser fotografadas. É apenas um documento de trabalho.

No final da sessão de bordados, na Quinta do Cabrinha, foi servido um almoço de confraternização entre formandas, formadoras e outras colaboradoras da ALEM. A ementa já a conhece: Desfeita de Grão com Bacalhau , segundo a receita que Eça de Queiroz apreciava e saboreava numa tasca de Lisboa (uma receita muito literária!); Cerejas da Gardunha; Leite Creme (receita da Carmen, irmã da Clara) No final da visita ao MNAA, houve um momento de agradecimento à Profª Luisa Taborda Alves, que se deslocou expressamente de Castelo Branco a Lisboa para ensinar, probono, um bordado de muito difícil execução. Felizmente, a Associação tem linha de seda em abundância que foi oferecida à Coordenadora da Oficina , a Alda Begonha. À colega Leonor Amaral foi pedido que relatasse a origem deste projecto. De facto, foi ela quem travou conhecimento com a formadora e percebeu a sua capacidade de comunicação e o seu conhecimento sobre a cultura cigana. A formadora aceitou o desafio e cá a tivemos, dois dias, em Lisboa! O ponto de Castelo Branco tem antigas influências orientais e, por isso, era importante descobri-las no Museu Nacional de Arte Antiga. Uma vez mais, a Leonor Amaral tratou da articulação. E assim foi possível a fascinante visita, através de salas a peças seleccionadas pela Guia. Primeiro viram-se representações pictóricas de tapetes e tecidos, a propósito da vida da Virgem. Depois, observaram-se peças bordadas: colchas, alfaias litúrgicas, tapeçarias. De permeio, foram apresentadas outras peças em ouro, prata, latão, madeira, osso, marfim que dialogaram com os tecidos, nas diferentes épocas. O espanto e o entusiasmo dominaram e estão patentes nalguns rostos e gestos... Conhecer os contextos...para melhor ler os textos!

Pela equipa, MC Rolo (ALEM)

<https://photos.app.goo.gl/w3CFY2JDT47D32z69>